

Violência e política na crônica “19 de maio de 1888”, de Machado de Assis

Violence and Politics in the Chronicle “19 de maio de 1888”, by Machado de Assis

Andressa dos Santos Vieira*
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

301

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro*
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

RESUMO: Esse artigo propõe uma análise da presença de aspectos caracterizadores da violência contra o negro escravizado e do discurso político proferido pelo narrador na crônica “19 de maio de 1888”, do livro *Bons Dias!*, de Machado de Assis, observando o modo como a obra promove uma reflexão acerca da temática da abolição da escravatura e do engajamento do escritor com os problemas sociais que envolviam os escravos em meados do século XIX. A obra será analisada considerando aspectos históricos e sociais à época da escrita da crônica, bem como o contexto político vigente no país, numa tentativa de compreender melhor a relação existente entre os senhores e seus escravos. O aporte teórico contará com estudos de autores como John Gledson, Raymundo Faoro e Eduardo de Assis Duarte.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Bons Dias!. Abolição. Violência. Discurso político.

* Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

* Professor Titular no Departamento de Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

ABSTRACT: This article propose an analysis of characterizing aspects of violence against enslaved black and of political discourse uttered by narrator on the chronicle “19 de maio de 1888”, of the book *Bons Dias!* by Machado de Assis, observing how the work promote a reflection about the abolitionist thematic and the writer’s engagement with social problems that involved the slaves in mid-nineteenth century. The work will be analyzed considering historical and social aspects at the time of chronicle writing, as well as the political context in operation in the country, in an attempt to comprehend the relation existant between masters and their slaves. The theoretical framework will include authors as John Gledson, Raymundo Faoro and Eduardo de Assis Duarte.

KEYWORDS: Machado de Assis. Bons Dias!. Abolition. Violence. Political discourse.

Considerações iniciais

Quando o assunto gira em torno do gênero crônica, podemos afirmar que esse tipo de narrativa desperta em teóricos e críticos do campo da literatura certa dúvida em relação à sua concepção como um texto legitimamente literário. Na tentativa de esclarecer o fator motivador para o surgimento desse tipo dúvida, Luiz Carlos Simon afirma que ela surge porque

O estudo da crônica na condição de um texto literário esbarra, logo nas páginas iniciais de qualquer ensaio sobre o assunto, na controvérsia gerada por seu veículo de origem: o jornal. [...] esta peculiaridade no trajeto da crônica parece requerer dos estudiosos a lembrança inevitável desse vínculo que a situa num espaço intermediário, de caracterização diferenciada (SIMON, 2011, p. 23).

O fato de a crônica ter alcançado seu espaço nas páginas dos jornais brasileiros e o seu conteúdo estar, muitas vezes, relacionado com as notícias publicadas diariamente nesses periódicos pode ter levado muitos estudiosos a perpetuarem a ideia de que a crônica não poderia ser considerada como um “gênero maior”, como afirma Antonio Candido:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor (CANDIDO, 1992, p. 13).

Na contramão da ideia de que a crônica se configura como um “gênero menor”, por seu conteúdo estar diretamente ligado às notícias veiculadas nos jornais, e com o intuito de mostrar que a crônica pode e deve ser vista como um “gênero maior” no contexto da literatura brasileira, Luiz Carlos Simon esclarece:

[...] muitas crônicas se distanciam desta estrutura bastante representativa do gênero, isto é, a ligação íntima com a notícia. Por vezes a direção é outra, caracterizada pelo comentário de fatos ou pela exposição de ideias e/ou sentimentos. São textos que se identificam com a ênfase narrativa dos contos, como grande parte da produção de Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta e Luis Fernando Veríssimo, por vezes ainda privilegiando o diálogo, como diversas vezes fez também Carlos Drummond de Andrade (SIMON, 2011, p. 40).

Com o passar dos anos, a crônica foi conquistando destaque e notoriedade no meio literário, o que fez com que houvesse um aumento significativo na quantidade de publicações de livros contendo coletâneas de textos de diversos cronistas, dentre eles, Machado de Assis que, durante sua vida, escreveu centenas de crônicas, sendo “umas 475 crônicas na *Gazeta*, mais de três quartos da sua produção total no gênero” (GLEDSON, 2006, p. 136).

303

Machado acabou por ganhar várias publicações de seus escritos, dentre elas, uma coletânea contendo as 49 crônicas da série “Bons Dias!”¹, organizadas e publicadas por John Gledson, que acrescentou à coletânea uma introdução e as extremamente explicativas notas de sua autoria. É na série “Bons Dias!” que se encontra a crônica “19 de maio de 1888”.

A série de crônicas Bons Dias!

Das crônicas que compõem a série “Bons Dias!”, 48 foram redigidas para o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. John Gledson adicionou, no livro,

¹ Trata-se da edição de *Bons Dias!* que foi organizada pelo estudioso John Gledson e publicada pela Editora Hucitec em 1997.

“uma crônica da edição única da *Imprensa Fluminense* (20-21 de maio de 1888), publicada para comemorar a Abolição, e na qual colaboraram jornalistas de vários jornais” (GLEDSON, in MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 15), chegando ao total de 49 crônicas publicadas, entre 05 de abril de 1888 e 29 de agosto de 1889.

Por estarem localizadas num periódico diário e enquadradas no contexto histórico referente ao final do século XIX, é possível inferir que os principais assuntos que permeiam as crônicas da série sofreram forte influência dos acontecimentos relacionados à política e das questões que giravam em torno dos dilemas da escravidão, que eram conhecidos profundamente pelo escritor, afinal,

Em 1873, Machado de Assis tornou-se funcionário do Ministério da Agricultura; a partir de meados de 1876, passou a chefiar a seção desse ministério encarregada de estudar e acompanhar a aplicação da lei de emancipação². O romancista formou-se e transformou-se ao longo dos anos 1870 em diálogo constante com a experiência do funcionário público e do cidadão (CHALHOUB, 2003, p. 138).

O posicionamento político e social que Machado de Assis assume perante as questões envolvendo a escravidão fica claro, tanto nos esforços empreendidos por ele em seu trabalho como funcionário público quanto em suas atividades como escritor, nas quais não se eximiu do papel de apontar e criticar aspectos e características de uma sociedade pautada pelo favorecimento da elite, através da exploração do trabalho escravo, e que tanto temia o fim da escravidão.

Numa tentativa de despertar o pensamento crítico, ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo com seu leitor, Machado buscava, “por meio dos jornais, oferecer subsídios aos leitores para que pudessem fomentar o debate de ideias,

² Chalhoub refere-se à Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871, mais conhecida como a Lei do Ventre Livre, que trata da liberdade concedida aos filhos de mulheres escravas nascidos em território brasileiro, a partir de sua aprovação.

participando democraticamente das tomadas de decisão públicas” (SOARES, 2012, p. 104).

Buscando uma maneira de expressar opiniões e posicionamentos acerca dos mais variados assuntos, incluindo alguns bastante polêmicos para a época, Machado optou por não assinar as crônicas da série, ficando a autoria dos textos mantida sob sigilo durante um longo período de tempo, uma vez que “todas começavam com a saudação ‘Bons dias!’ e acabavam na despedida (que também funcionava como assinatura/pseudônimo), ‘Boas noites’” (GLEDSON, 2006, p. 134).

A opção de Machado de Assis pelo anonimato funciona como uma espécie de anteparo, de “disfarce”. Para John Gledson,

[...] Machado ia dizer algumas coisas duras, mesmo sob a capa da ironia, e queria poder dizer essas coisas com uma margem extra de liberdade, sem sofrer consequências mais imediatas. Parece que o disfarce funcionou à perfeição; [...] só nos anos 1950 é que se soube que essas crônicas eram de Machado (GLEDSON, 2006, p. 143).

305

O responsável pela descoberta da autoria da série foi o escritor e pesquisador José Galante de Sousa, autor de *Bibliografia de Machado de Assis*, lançado em 1955, que, em 1950, “obteve a informação de uma lista de anônimos e pseudônimos, organizada pelo dr. José Alexandre Teixeira de Melo, que se encontra na Biblioteca Nacional” (GLEDSON, 2006, p. 403).

A partir dessa importante descoberta, a série de crônicas despertou o interesse de muitos estudiosos da vida e da obra de Machado de Assis, que, provavelmente estavam ávidos para explorar os “novos” escritos. Passados alguns anos, “em 1956, não muito tempo após José Galante de Sousa ter descoberto [...] que a série ‘Bons Dias!’ era da autoria de Machado, Raimundo Magalhães Júnior publicou dela uma edição anotada, no volume *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*” (GLEDSON, in MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 14).

A crônica

A crônica “19 de maio de 1888”³ tem início com o narrador descrevendo o processo de libertação de seu escravo Pancrácio, fato que, a seu ver, deveria ser interpretado como algo revolucionário, uma vez que esse ato precedeu à própria Lei Áurea, que seria promulgada uma semana depois. A cena se desenrola em sua casa, durante um jantar, que os amigos chamaram de banquete, em homenagem ao ato generoso e inovador, na visão do narrador, portanto, merecedor do espaço que ganhou no periódico que noticiou o acontecimento aos demais cidadãos.

Feito o anúncio da libertação, o escravo, que havia escutado todo o discurso de seu senhor, ficou tão feliz que correu até ele e lhe agradeceu abraçando-lhe os pés. No outro dia, Pancrácio, que agora era um homem livre, recebe uma proposta para que permaneça na casa em que vive desde a infância, a fim de continuar servindo ao seu senhor, mas agora não mais como um escravo e sim como um funcionário remunerado com um pequeno ordenado.

Após aceitar a oferta, Pancrácio passa a ser tratado como um homem livre, o que para o narrador representa uma justificativa para todos os castigos físicos aos quais ele seria submetido em caso de falhas. Ao final, o narrador explica que o seu plano é ser eleito deputado e que, para tal, enviará uma circular aos seus eleitores, na qual dirá que, muito antes da abolição oficial, ele já havia se antecipado ao ato da princesa, ao libertar o escravo que tinha, com o intuito de comover e ensinar a todos aqueles que soubessem da notícia.

³ A crônica é de fácil acesso na internet, mas, de todo modo, sendo curta, segue transcrita integralmente ao fim do artigo.

Violência e política na crônica “19 de maio de 1888”

O Rio de Janeiro de meados do século XIX estava dividido entre (a) abolicionistas, defensores da abolição total, sem indenização aos proprietários de escravos, (b) emancipacionistas, favoráveis à abolição desde que os proprietários fossem indenizados, e (c) escravocratas, defensores da permanência total da escravidão.

A situação era delicada, pois “o Brasil tornara-se o último baluarte da escravidão no mundo ocidental: ‘Resta só o Brasil; resta o Brasil só’, declamou Pimenta Bueno, após relatar o processo mundial de emancipação dos escravos” (CHALHOUB, 2003, p. 141).

Atendendo ao pedido de D. Pedro II, José Antônio Pimenta Bueno realizou “estudos preliminares e [...] propostas de ação legislativa visando à emancipação dos escravos”, a fim de “dotar o governo de projeto de lei sobre emancipação a ser submetido à discussão e aprovação do Legislativo” (CHALHOUB, 2003, p. 139). Passados vinte e três anos, desde o trabalho de Pimenta Bueno, a Princesa Isabel promulgou a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, que determinava que todos os escravos passariam a usufruir do direito à liberdade.

É nesse contexto de transição, de um regime pautado pela escravidão para um regime que promete democracia, ao devolver a liberdade aos escravos, que, seis dias após a assinatura da lei que estabeleceria essa mudança, é publicada a crônica “19 de maio de 1888”, de Machado de Assis.

Sua temática está totalmente voltada para a abolição da escravidão e para as consequências que essa mudança radical provocaria na vida dos escravos recentemente libertados, que passariam de servos à condição de homens e mulheres livres. John Gledson acredita que “as crônicas [...] estão influenciadas, nessa série mais do que em qualquer outra, pelos

acontecimentos políticos e pelo fluxo da história, vista, e experimentada, de perto e de longe” (GLEDSON, 2006, p. 124).

Essa transição repentina teria reflexos intensos na situação social tanto de ex-proprietários quanto de ex-escravos, já que os primeiros passavam à condição de patrões enquanto os outros passavam à condição de trabalhadores assalariados, em alguns casos. Mesmo passando à condição de trabalhador assalariado, o negro se via totalmente dependente de seu ex-senhor, por não ser detentor de posses ou terras, estando numa situação de desamparo e total dependência, pois, mesmo recebendo salários, estes eram miseráveis a ponto de impossibilitar o negro de obter uma independência financeira.

Apesar de o nome Pancrácio, “do grego, *Pankrâtes*: “que tudo (*pan*) pode (*krates*), i. é: “todo-poderoso, onipotente” (GUÉRIOS, 1994, p. 261), representar força e poder, a figura submissa do escravo, que acabara de ser alforriado, sugere exatamente o oposto. Pancrácio se submete à vontade do narrador e ex-senhor, pois, logo após receber a alforria, aceita a primeira oferta de casa e salário em troca da continuidade da prestação de seus serviços:

- Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...
- Oh! meu senhô! fico.
- ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...
- Artura não qué dizê nada, não, senhô..
- Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.
- Eu vaio um galo, sim, senhô.
- Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 63).

John Gledson, em nota da sua edição de *Bons Dias!*, situa o leitor na real situação a que Pancrácio estava sujeito, mediante um salário extremamente baixo para os padrões mínimos de sobrevivência da época, e o quanto isso tornava impossível a ele desligar-se de sua vida anterior:

Para dar uma ideia do mínimo valor deste ordenado, que seria mensal, dou os preços de alguns artigos: uma camisa normal custava uns 3 mil-réis, o aluguel mensal de uma casa de duas salas, dois quartos, cozinha e quintal, por mês, 35 mil-réis, um almoço ou jantar no Hotel Javanês, quatrocentos réis. A GN custava quarenta réis (GLEDSON, in MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 63).

A violência psicológica empregada pelo narrador na afirmação de que Pancrácio era livre para escolher seu destino, sabendo que ele não tinha lugar no mundo, diferente daquele já conhecido, família e menos ainda posses, tem o intuito de despertar o medo da fome, da miséria e do abandono. Esse tipo de violência é característica da dominação empregada pelos brancos aos negros, que ainda se encontravam mentalmente escravizados.

Para Raymundo Faoro “a crônica [...] parece que desvenda a alma da propaganda abolicionista e a dependência do antigo escravo, agora mesquinamente assalariado” (1988, p. 323), uma vez que “o abolicionismo, ao tempo que entrega ao cativo o próprio destino, prende-o ao salário de fome, com as mesmas humilhações que a escravidão consagrava” (1988, p. 325).

O estabelecimento de uma nova relação entre Pancrácio e o narrador se dá fundamentalmente na dependência financeira que o ex-escravo mantém com o ex-senhor, já que o salário era insuficiente para sua sobrevivência. O estado de “ignorância” (no sentido de não-escolarizado), produzido pelo analfabetismo a que os escravos eram lançados, permite ao narrador continuar aplicando os castigos físicos em seu novo funcionário, mas agora sob a máscara da repreensão, pois para o patrão suas atitudes poderiam ser facilmente justificadas mediante sua insatisfação com a prestação de algum serviço pelo qual pagou para ser realizado:

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 63).

Os modos de repreender o outro surgem representados pelos “petelecos”, disfarçados de simples advertências, assumindo, posteriormente, a feição dos castigos aplicados pelos feitores nas senzalas, durante os longos anos de escravidão, através dos pontapés e puxões de orelhas que o narrador classifica como “um impulso natural”, deixando claro que esse tipo de violência era anterior à alforria.

A combinação da violência psicológica com a violência física representa a dificuldade que o homem branco enfrenta para se desligar do regime escravagista, que sempre proporcionou a ideia de controle absoluto, evidenciando a presença constante da violência na relação entre senhores e escravos. Com o passar dos dias e à medida que o cotidiano vai sendo restabelecido, a violência física do narrador para com Pancrácio vai sendo intensificada, enquanto o controle psicológico aparenta estar inabalado:

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 64).

310

Entre as formas de violência na narrativa, destaca-se a ocorrência da violência verbal, explícita nas denominações “besta” e “filho do diabo”, que o narrador usa para se referir a Pancrácio, que supostamente aceitaria tudo “humildemente” e “até alegre”. Eduardo de Assis Duarte enxerga nessa falsa liberdade o estabelecimento de novas formas de explorar o negro, afinal “Pancrácio [...] é libertado [...] sob a condição de continuar servindo e levando as pancadas do senhor” (DUARTE, 2007, p. 249).

Segundo Duarte, ao fazer uso de um narrador em primeira pessoa, o autor acaba “travestindo-se em burguês espertalhão que visa tirar proveito dos novos tempos” (2007, p. 249), enquanto faz uso de um “mecanismo dissimulador [...] recobrando o texto jornalístico com aquela nota de humor ora ameno, ora

cáustico, que revela os avessos por vezes inconfessáveis dos beneficiários do sistema, sem [...] adotar o tom peremptório do panfleto” (2007, p. 249).

O narrador deixa transparecer, em suas falas, algumas das características comuns do discurso político, principalmente quando busca a exaltação do homem destemido que, através da realização de um gesto, aparentemente voluntário, promete revolucionar o cenário político.

Quando oferece um jantar aos amigos e a algum familiar, com o intuito de fazer o anúncio da restituição da liberdade a Pancrácio, o narrador deixa transbordar a imagem do espertalhão que busca, a todo custo, tirar proveito dos novos tempos que o advento da abolição promete trazer consigo:

[...] levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 62).

O narrador não deixa escapar as chances de enaltecer sua imagem de homem, um passo à frente de seu tempo, enquanto desperta o sentimento coletivo de admiração naqueles que o rodeiam. Ele acredita ser um homem apto à vida pública, baseando-se nas respostas positivas que seu ato “generoso” proporcionou.

Os cartões com felicitações pelo ato, que recebeu de pessoas próximas, fazem com que ele se sinta como um genuíno merecedor do tratamento destinado às figuras mais importantes da história, ou seja, aquele que é digno de receber uma pintura a óleo:

[...] fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 63).

A história envolvendo a libertação antecipada do escravo Pancrácio mostra um narrador que pensa nos efeitos produzidos por seu discurso político, uma vez que suas “frases [...] servem para eleger o deputado, à custa dos eleitores embasbacados, enganados pela retórica de conteúdo falso” (FAORO, 1988, p. 325):

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia [...] que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu (MACHADO DE ASSIS, 1997, P. 64).

Esse conteúdo falso deixa transparecer a verdadeira intenção do narrador, basicamente quando ele “decide que vai entrar na política, baseando-se nesse ato ‘generoso’” (GLEDSON, 2006, p. 158), que não passa de um artifício astuto, utilizado como ferramenta de convencimento do eleitorado quanto à sua total integridade como cidadão, enquanto Pancrácio assume, inconscientemente, o papel de escravo liberto que é extremamente grato ao seu senhor pela liberdade recebida.

Considerações finais

É possível reafirmar que a crônica – uma vez vista como um gênero menor dentro da literatura brasileira, a ponto de as obras do gênero serem minimizadas pela crítica devido à estreita ligação que mantinham e mantêm ainda hoje com os jornais – acabou por garantir seu espaço e o devido reconhecimento como um gênero maior, através do sofisticado ofício de muitos escritores, feito Machado, articulando criação e crítica no corpo da crônica.

A crônica “19 de maio de 1888” permite ao leitor perceber a preocupação do escritor em abordar os acontecimentos que circundavam a sociedade da época, em especial, os negros escravizados, assim como faria enquanto funcionário público e, acima de tudo, como cidadão apreensivo com as mazelas enfrentadas por essa grande parcela da população.

Pode-se considerar que a violência retratada na crônica, através das agressões sofridas por Pancrácio, seja psicológica, verbal ou física, funciona como grave e evidente denúncia dos maus tratos destinados aos escravos, durante a vigência do regime de escravidão. Crônicas como esta (e há outras, aqui não focalizadas) possibilitam vislumbrar o papel do escritor engajado com as causas históricas, políticas e sociais, diferentemente do que parte da crítica, sobretudo a contemporânea de Machado, aponta.

Por fim, vale destacar a importância da contribuição de Machado de Assis para o reconhecimento da crônica como gênero maior, dentro do cenário literário nacional, uma vez que, durante sua vida literária, escreveu centenas de crônicas de altíssima qualidade literária. Nelas, o autor de *Memorial de Aires* compõe um grande mosaico da cultura, da sociedade e da história do Brasil.

Referências

CANDIDO, Antonio. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo*. Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálidas, 2007.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUÉRIOS, Rosário. *Nomes & sobrenomes - dicionário etimológico*. 4. ed. São Paulo: AM Edições, 1994.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Bons Dias!*. Introdução e notas: John Gledson. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SIMON, Luiz Carlos. *Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: EDUEL, 2011.

SOARES, Ivanete Bernardino. O ethos narrativo em *Bons Dias!*, de Machado de Assis. In: _____. *Revista Eletrônica Machado de Assis em linha*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 102-121, dez. 2012. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/revista/numero10.asp>>. Acesso em: 7 out. 2014.

Recebido em: 22 de fevereiro de 2019.
Aprovado em: 21 de outubro de 2019.

19 de maio de 1888

Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

315

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais

nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

- Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

- Oh! meu senhô! fico.

- ...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

- Artura não qué dizê nada, não, senhô...

- Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

- Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposições), é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

Boas noites.